

"Com os filmes e as séries televisivas, os jovens começam a ser mais atraídos pelo trabalho laboratorial na escola, associando certos processos realizados nas aulas com aquilo que observam na televisão", afirma Pedro Couto, professor de Física e Química

CSI:

Carreira Sob Investigação

Texto Maria João Araújo
Ilustrações Gonçalo Gil

Casos bichudos, as mais desenvolvidas técnicas forenses e investigadores que descobrem sempre o autor do crime. Os argumentos de "CSI: Crime Sob Investigação" fazem as delícias de quem não perde nenhum episódio da série televisiva norte-americana. Ao ponto de, actualmente, muitos jovens ficarem fascinados com o mundo da criminologia e ponderarem uma carreira nesta área. Mas será que a ficção corresponde à realidade? E lidar com cadáveres, sangue, análises de ADN e todo o tipo de provas é, na verdade, tão encantador como na televisão?

SABIAS QUE SÃO OS THE WHO QUE DÃO MÚSICA AO "CSI"? NA SÉRIE DE LAS VEGAS PODES OUVIR O TEMA "WHO ARE YOU?", NA DE MIAMI É "WON'T GET FOOLED AGAIN" E, NA DE NOVA IORQUE, "BABA O'RILEY".



Já todos ouviram falar na série televisiva norte-americana "CSI – Crime Scene Investigation", que estreou em Portugal em 2002, no canal por cabo AXN, e, mais tarde, na SIC. Depois de se ter tornado na série policial preferida dos americanos, "CSI" conquistou os portugueses, desde miúdos a graúdos.

A chave do sucesso pode estar relacionada com os mais diversos factores: personagens cativantes e controversas, guiões cuidados, crimes aparentemente sem solução, tecnologia de última geração utilizada pela polícia científica e a "inevitável" resolução do crime.

Para a psicóloga clínica Ana Queiroz, **"é óbvio que uma série como o "CSI", que prende pela acção, pelos lugares exóticos, pelos carros, pelas personagens facilmente adoptadas como modelos pela elegância, competência e cujo comportamento tem sempre consequências positivas, tem de influenciar os seus espectadores"**. Porque **"ninguém ficaria preso ao pequeno ecrã se eles fossem sistematicamente uns falhados, se nunca resolvessem nenhum crime e se mostrassem um comportamento inadequado dentro das equipas onde se integram"**, conclui.

Acrescenta-se o facto de a série original ter dado origem a outras duas séries – "CSI: Miami" e "CSI: Nova Iorque" –, que podem, assim, agradar a diferentes públicos. Com as séries mudam ainda os cenários e os actores. E como cada episódio tem sempre uma história diferente, quebra-se a monotonia, não obrigando a um seguimento fiel e cronológico.

A 8ª SÉRIE DE CSI ESTREOU DIA 27 DE SETEMBRO NOS ESTADOS UNIDOS.

"CSI: Las Vegas"

Em 2000 estreou nos Estados Unidos a primeira série de "CSI: Crime Scene Investigation", cuja acção decorre em Las Vegas. Ao longo dos episódios, a equipa de Gil Grissom tenta descobrir os autores e as causas dos crimes que assolam aquela cidade norte-americana, usando todos os meios técnicos forenses possíveis e imagináveis. O êxito foi tal que a série já vai na oitava temporada.

**QUENTIN TARANTINO
TAMBÉM REALIZOU
ESTA SÉRIE. É O
CASO DOS EPISÓDIOS
24 E 25 DA QUINTA
TEMPORADA - "GRAVE
DANGER 1 E 2" - EM
QUE NICK É RAPTADO
POR UM HOMEM QUE
QUERIA VINGAR A
SUA FILHA, PRESA
INJUSTAMENTE.**



JOSÉ AZEVEDO, 15 ANOS, 9º ANO
Na Escola EB 2,3 de Júlio Brandão, em Vila Nova de Famalicão, são muitos os alunos que comentam os episódios da série norte-americana "CSI" nos intervalos das aulas. José Azevedo é um deles. "Costumamos falar da série, dos horários e dos episódios que já vimos", revela. A sua série preferida é a "CSI: Miami" e já o influenciou de tal maneira que "gostava de tirar um curso de investigação criminal, tipo CSI". E salienta: "Eu queria mesmo era ser Inspector da PJ". Porém, pensa "que deve ser difícil tirar esse curso". Além disso, acredita que não é fácil arranjar emprego como Inspector, porque "em Portugal, não há muitos crimes". Enquanto sonha com uma carreira na PJ, vai vendo os episódios da série norte-americana e ainda o "Inspector Max" (série transmitida na TVI), da qual também é fã.

"A investigação que vemos nas séries televisivas "CSI" tem muito de equiparável à realidade portuguesa, que é dos países de vanguarda na investigação pericial", garante Duarte Nuno Vieira, presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal

Realidade versus ficção

Mas quem vê a série questiona-se certamente se ela corresponde à realidade norte-americana e até se se aproxima do que se faz por cá. Segundo Duarte Nuno Vieira, presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal, "a investigação que vemos nas séries televisivas "CSI" tem muito de equiparável à realidade portuguesa, que é dos países de vanguarda na investigação pericial."

Alerta, porém, para uma questão importante: "há que ter consciência que existe também muito de ficção nestas séries, mesmo quando comparadas com a realidade pericial do seu país de origem, os EUA". Para tal, dá exemplos: "nenhum serviço pericial tem sempre todos os equipamentos de ponta e correspondentes aos mais recentes avanços tecnológicos; as investigações não conduzem sempre a resultados inequívocos e claros e, muito menos, nos tempos curtos em que se obtêm resultados nestas séries; as interpretações não são sempre lineares; as instalações não têm sempre, infelizmente, aquele excelente design e o aspecto de estarem a ser estreadas no momento." Por isso, há que distinguir onde acaba a realidade e começa a ficção. Para a psicóloga infantil Ana Paula Reis "é fundamental mostrar às crianças e jovens a diferença entre a realidade e a ficção. Este papel cabe a todos: aos pais, aos professores e até à sociedade". Na opinião da psicóloga do NUPE - Núcleo de Psicologia do Estoril, "não se pode continuar a ver as questões relacionadas com a educação como se fosse o jogo do empurra, empurrando as responsabilidades de uns para os outros."

A psicóloga clínica Tânia Pereira Dinis, do mesmo núcleo, concorda com a colega. "Estas séries mostram a intervenção forense com um glamour que está longe da realidade", diz. Além do mais, "não são os técnicos forenses que vão para o terreno interrogar suspeitos, nem tão pouco alguns dos meios laboratoriais que utilizam estão disponíveis", justifica.

Desta forma, é importante revelar aos mais jovens "que o que é mostrado nessas séries é, essencialmente, a parte bonita das profissões aí exibidas e que a realidade comporta toda a outra face escondida que

**HÁ OUTRA HISTÓRIA DE RAPTO
EM "BUILT TO KILL 1 E 2",
NA SÉTIMA SÉRIE, EM QUE A FILHA
DE CATHERINE É RAPTADA.**

nem sempre é tão gratificante", alerta, por sua vez, a psicóloga Ana Queiroz. "Porque na vida real não há só sucessos, não é tudo tão fácil e há pormenores como, por exemplo, ser chamado às 4 da manhã numa noite escura de Inverno para ir atender uma chamada, trabalhar por turnos, dormir quando os outros estão acordados ou não ter horas para atividades de lazer", explica.

Influência nas carreiras

Do pequeno ecrã para a vida real, séries de televisão como o "CSI" parecem também ter mudado o panorama nacional das escolhas profissionais dos mais jovens. "Com os filmes e as séries televisivas, eles começam a ser mais atraídos pelo trabalho laboratorial na escola, associando certos processos realizados nas aulas com aquilo que observam na televisão", afirma Pedro Couto, licenciado em Ensino de Física e Química. E acrescenta: "A série "CSI", sem dúvida, influencia diversos jovens a seguir estudos nesta área. No programa vê-se o quão interessante é o trabalho de laboratório e o uso de tecnologia de ponta, existe sempre um conjunto de desafios novos e de opções a tomar, e isto tudo leva os jovens a quererem enveredar por uma carreira do género. Mas da ficção à nossa realidade ainda vai uma longa distância".

Quanto à utilidade de um Físico ou de um Químico numa investigação criminal, diz que "estes podem desenvolver os estudos balísticos, bem como analisar a composição química dos vestígios criminais, para assim se poder descobrir a "história" do crime". Porém, o professor questiona: "Será que estas profissões são novas?" Aparentemente, não. "Os primeiros estudos forenses surgiram em 1910 com Edmond Locard, frequentemente denominado por o "Sherlock Holmes" de França."



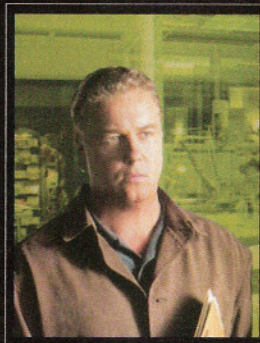
JULIANA COSTA, 23 ANOS, FINALISTA DA LICENCIATURA EM DIREITO

A estudar Direito na Universidade Católica, no Porto, Juliana pretende enveredar pelo ramo da Investigação Criminal. "A área que para mim é mais aliciante é o Direito Penal", explica. Por isso, neste momento, o objectivo é terminar a licenciatura e



"entrar para a PJ, para o ramo de Investigação, ou tirar o curso de Criminologia. Porque esta é a área que, sem dúvida, mexe mais comigo". Quanto a ter sido influenciada pela série televisiva "CSI", diz que tal não aconteceu. "Desde o 1º ano da faculdade, em que comecei a ter aulas de Penal, que adoro estudar isso. Sempre foram as cadeiras em que tinha melhores notas, porque puxam mesmo por mim, muito mais do que o Civil ou o Público", justifica. No entanto, acredita que o "CSI" influencie os jovens nas carreiras a escolher. "Até porque agora também há mais licenciaturas relacionadas com a série", avança. Todavia, Juliana alerta para as diferenças entre os cursos portugueses e os norte-americanos. "Quem entra para um curso desses a pensar que vai ser um "CSI" está muito enganado. Porque cá não há sequer metade dos meios técnicos que eles têm lá". Além disso, a futura advogada diz que não se pode confundir a realidade com a ficção. "Cada episódio da série é muito rápido. O corpo apareceu de manhã e à noite já se sabe quem é o culpado", analisa.

PERSONAGENS



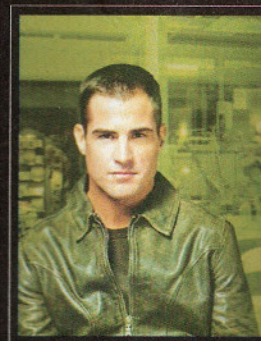
Gil Grissom (William Petersen) é entomologista – especialista em insectos – e o seu trabalho consiste em saber, por exemplo, há quanto tempo a vítima está morta. É quem coordena a equipa de investigadores.



Catherine Willows (Marg Helgenberger) é especialista em análises de sangue, é divorciada e tem uma filha.



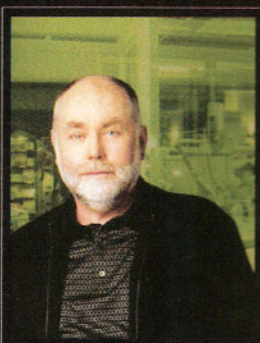
Warrick Brown (Gary Dourdan) é especialista em audiovisuais, formado em Química pela Universidade de Los Angeles.



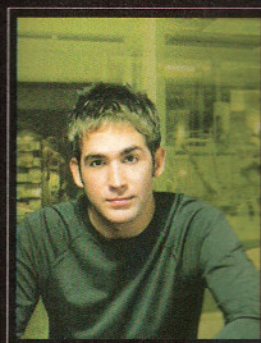
Nick Stokes (George Eads) é analista de fibras, tendo-se formado em Justiça Criminal na Universidade de Rice.



Sara Sidle (Jorja Fox) é licenciada em Física pela Universidade de Harvard, e faz a análises de materiais e elementos.



Albert Robbins (Robert David Hall) é o médico legista, formou-se em Fisiologia e é Mestre em Química Biológica pela Universidade da Virgínia.



Greg Sanders (Eric Szmanda) é quem faz as análises de ADN, sendo a sua formação em Química pela Universidade de Berkeley.



Jim Brass (Paul Guilfoyle) é o detective responsável pelos homicídios e formou-se em História, na Universidade de Seton Hall.

Profissões em análise

Muitas são as profissões associadas à investigação criminal e forense, tais como Inspector da Polícia Judiciária (PJ), Coordenador de Investigação Criminal da PJ, especialistas em balística, analista de áudio e imagem ou de cabelos e fibras. A FORUM ESTUDANTE tentou entrar em contacto com alguns destes profissionais mas, por considerar o momento inoportuno, a PJ não autorizou as entrevistas. Quanto ao Instituto Nacional de Medicina Legal, engane-se quem pensa que lá só trabalham médicos legistas. Duarte Nuno Vieira, presidente desse organismo, releva uma longa lista... **"Exercem também actividade muitos outros profissionais – farmacêuticos, antropólogos, médicos dentistas, bioquímicos, químicos, biólogos, técnicos de diagnóstico e terapêutica, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, juristas, especialistas em psiquiatria, ortopedia, neurologia, imagiologia, etc. E trabalham em âmbitos periciais diversos, como a Toxicologia Forense, a Genética Forense, a Psicologia Forense, a Sexologia Forense... Isto, para além de todo o pessoal de apoio aos serviços administrativos e de gestão."**

Cursos e saídas

Independentemente do que é possível observar em "CSI", já há cursos no nosso país virados para a criminalidade. É o caso da primeira licenciatura em Criminologia, que arrancou no passado ano lectivo, na Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Até então, só havia o mestrado em Criminologia, existente desde 1995 na mesma faculdade.

Este curso, único em Portugal, tem como objectivo ir ao encontro da criminologia moderna, enquanto estudo pluridisciplinar do fenómeno criminal, e proporcionar aos estudantes uma formação prática e aplicada num vasto conjunto de ciências e saberes como o Direito, a Psicologia, a Sociologia, a Estatística, as Ciências Forenses ou Métodos de Investigação Científica.

Quanto às saídas profissionais, os futuros criminólogos portugueses poderão trabalhar em conjunto com as forças policiais ou no sistema prisional, em serviços de reinserção social, centros de protecção de crianças e jovens, centros de acolhimento e de assistência a vítimas, centros educativos para menores delinquentes e tratamento da toxicod dependência, projectos de investigação científica, entre outros.

Áreas cruzadas

As pós-graduações em Medicina Legal também têm muita procura. "São os que recebem mais candidaturas nas universidades de Coimbra, do Porto e de Lisboa", informa Duarte Nuno Vieira, presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal. "A nossa dificuldade é que não temos saídas para tantas inscrições, uma vez que a procura excede largamente a oferta", acrescenta. Este interesse tem aumentado significativamente, porque "antes, estes mestrados e pós-graduações só podiam ser frequentados por licenciados em Direito ou em Medicina. Mas agora estão abertos a qualquer licenciado como, por exemplo, a jornalistas", conclui.

O Instituto Nacional de Medicina Legal (INML) colabora com muitos destes cursos, "sendo o seu principal dinamizador", avança Duarte Nuno Vieira. Ao longo das aulas aprende-se sobre as mais diversas áreas. Segundo o presidente, "as perícias executadas pelo INML vão desde a Patologia Forense, que envolve as autópsias, os exames histológicos ou os embalsamamentos; passando pela Antropologia Forense, relativa aos exames periciais em vivos, para avaliação de danos corporais no âmbito do Direito Penal, Civil ou do Trabalho; pela Psiquiatria e Psicologia Forense, até às vertentes mais laboratoriais, como a Genética, a Toxicologia e a Biologia Forense."

SABIAS QUE O RESPONSÁVEL POR FILMES COMO "ARMAGEDON", "BO SEGUNDOS" OU "O ROCHEDO" É O PRODUTOR EXECUTIVO DO "CSI"? CHAMA-SE JERRY BRUCKHEIMER E, ALÉM DESTA SÉRIE, TRABALHA PARA OUTRAS SÉRIES DE INVESTIGAÇÃO COMO "COLD CASE", "WITHOUT A TRACE" E "CLOSE TO HOME".

"CSI: Miami"

Depois do êxito de "CSI: Las Vegas", foi criado o "CSI: Miami", que teve origem num episódio da série original. Em "Cross-Juristictions", Warrick e Catherine vão a Miami ajudar os CSI's Las Vegas, cuja filha e esposa foram levadas para lá. A partir deste episódio, a equipa de Horatio Caine, papel interpretado por David Caruso, dá vida a nova série que, à semelhança da anterior, segue as pistas dos crimes a decorrer em Miami. Porém, os fãs defendem que esta série tem mais acção que a anterior. A primeira temporada foi para o ar nos Estados Unidos em 2002.

CURIOSIDADES

Ao longo das várias temporadas da série ocorreram algumas mudanças no que diz respeito ao elenco. Primeiro saiu Kim Delaney que interpretava o papel de Megan Donner, e entrou a actriz Sofia Mitos (Yelina Salas). Posteriormente, na terceira temporada, a personagem interpretada por Rory Cochrane (Tim Speedle) foi morta num tiro e substituída por Jonathan Togo (Ryan Wolfe). O actor português Joaquim de Almeida participou na quinta temporada de "CSI: Miami". No episódio em questão, intitulado "Man Down", Horatio leva Eric Delko ao hospital em estado crítico após ter sido vítima de um tiro. No decorrer das investigações, os técnicos do CSI descobrem uma conta bancária nas Ilhas Caimão em nome de Joseph Trevi, papel interpretado por Joaquim de Almeida. Mas será Trevi o criminoso que a equipa de Horatio procura?

O 22.º episódio da quarta série de "CSI: Miami", intitulado "Open See", conta com uma música de portugueses Slimy. O tema chama-se "Bloodshot Star" e foi produzido em Londres.

MIGUEL ARAÚJO, 16 ANOS, 1.º ANO

Frequenta o Externato Ellen Key, no Porto, e gostava de ser Inspector da P.U. E explica porque: "É uma profissão interessante e atrai-me o trabalho em geral". Apesar de dizer que a série televisiva "CSI" não pesou directamente na sua escolha, admite vê-la "todos os dias". Das diversas séries preferir a versão Miami. "Acho os episódios mais interessantes e gosto mais dos actores", explica. Quanto à relação entre a ficção e a realidade, Miguel defende que "as séries têm um bocado de enghenhocas a mais, mas no geral até não é muito diferente da vida real". Para o estudante, "na realidade, as coisas não se resolvem assim tão rapidamente, como é lógico. E muito menos em Portugal onde, na maior parte das vezes, os casos nem são resolvidos, mas simplesmente arquivados". Mesmo assim, não desiste de querer fazer uma carreira como Inspector na P.U. "Pode ser uma profissão de risco e com pouca saída, até porque não há muitas vagas. Mas o pouco trabalho que há é bem pago e recomensador", justifica. A pensar no futuro, Miguel conclui: "Não me interessa tanto prender os "mauções", o que me atrai mesmo é a investigação e poder montar o puzzle."

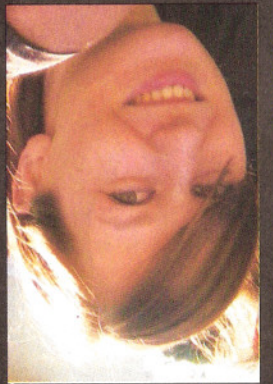


HELENA GONÇALVES, 25 ANOS, LICENCIADA EM FARMÁCIA

Trabalhar no ramo da investigação criminal é um sonho antigo de Helena Gonçalves. "Sempre foi algo que me fascinou, e a série "CSI" personifica bastante bem o tipo de trabalho que gostaria de fazer. Desde pequena que gosto de brincar com microscópios, assim como abrir animais para poder ver o que se passava dentro daqueles pequenos corpos", lembra. Depois de ter concluído a licenciatura em Farmácia, sentiu necessidade de continuar a estudar. Por isso, inscreveu-se no mestrado de Medicina Legal no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. "Infelizmente não pude terminar o curso por razões profissionais. Estou a exercer Farmácia, e cheguei a um ponto em que me foi impossível conciliar o horário de trabalho com o curso".

Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. "Infelizmente não pude terminar o curso por razões profissionais. Estou a exercer Farmácia, e cheguei a um ponto em que me foi impossível conciliar o horário de trabalho com o curso".

Helena tem consciência das oportunidades de trabalho nesta área. "Em Portugal este sonho é possível. No entanto, não é para todos, uma vez que este tipo de investigação ainda ocorre em pequena escala. Isto faz com que empregos como médico-legista, inspector ou químico sejam bastante selectivos. Apenas os melhores lá chegam", salienta. Quanto à relação entre a realidade e a ficção, Helena acredita que se consegue aprender muito com as séries. E conclui: "Pelos conhecimentos que tenho, creio que no nosso país esta área já está muito desenvolvida, estando a ficção próxima da nossa realidade."



Passa aí o bisturi

É quem pensa que no INML só se fazem autópsias, está muito enganado. "Esta é a área com menor movimento pericial. Do total de perícias realizadas pelo INML, as autópsias representam menos de 5 por cento", informa Duarte Nuno Vieira. A actividade do Instituto resume-se, maioritariamente, a exames de clínica médico-legal. "São os tais exames periciais em vivos, vítimas de agressões, de acidente de viação, de acidentes de trabalho, etc., bem como os exames de Psiquiatria e Psicologia Forenses, que representam mais de 50 por cento da actividade do Instituto", frisa.

Para quem tem uma paixão por estas diferentes áreas, o conselho é que não se fique apenas pela série "CSI". Deve, sim, apostar neste mercado de trabalho, que ganha cada vez mais notoriedade. "Acho que Portugal está a tentar dar um salto em termos de tecnológicos, e isso provoca uma maior procura de trabalhadores altamente qualificados. Como tal, algumas profissões associadas às ciências exactas ganharam maior visibilidade", conclui Pedro Couto, professor de Física e Química.

O PRIMEIRO EPISÓDIO DA 8ª SÉRIE (DEAD DOLL) É A CONTINUAÇÃO DO ÚLTIMO EPISÓDIO DA 7ª SÉRIE (LIVING DOLL), EM QUE SARA SIDLE É RAPTADA PELO ASSASSINO DAS MINIATURAS.

"CSI: Nova Iorque"

À semelhança do que se passou com a série anterior, também "CSI Nova Iorque" teve origem num episódio de "CSI: Miami". Neste caso, Horatio Caine viaja até à "Big Apple" seguindo o rasto de um suspeito de homicídio que tinha fugido de Miami.

Segundo os produtores, esta série é mais sombria e sangrenta que as anteriores, tendo sido filmada com uma luz azulada até à segunda temporada, altura em que a CBS decidiu torná-la menos fria. Além disso, serve-se da temática do 11 de Setembro. A esposa do protagonista, o detective Mac Taylor, papel interpretado por Gary Sinise, foi uma das vítimas mortais do atentado terrorista. Juntamente com Mac trabalham a detective Stella Bonasera (Melinda Kanakaredes), o investigador Danny Messer (Carmine Giovinazzo), o médico Sheldon Hawes (Hill Harper) e a investigadora Aiden Burn (Vanessa Ferlito).

A primeira temporada de "CSI: Nova Iorque" estreou nos Estados Unidos em 2004 e em Portugal em 2005, através do canal de televisão por cabo AXN. Tal como as séries anteriores, também é produzida pela Jerry Bruckheimer Television e CBS Productions.

CURIOSIDADES

A cantora luso-canadiana Nelly Furtado não resistiu ao convite para participar num episódio da terceira temporada da série "CSI: Nova Iorque". Na ficção, Nelly encarnou o papel de uma ladra que rouba peças de roupa e acessórios de várias lojas. Mas tudo chama a atenção da equipa do "CSI", quando um guarda de uma dessas lojas é assassinado. A detective Stella Bonasera segue as pistas e chega até Ava Brandt, personagem interpretada pela cantora. Quando Ava Brandt é confrontada com o crime, diz-se inocente. Neste episódio, os fãs da cantora e da série ainda podem ouvir alguns dos temas que fazem parte do último álbum de Nelly Furtado - "Loose".

Está para breve a estreia de "CSI: Los Angeles" que, tal como aconteceu com as duas séries anteriores, terá início com a ligação a um episódio de "CSI: Nova Iorque", da quarta temporada.

"Estas séries mostram a intervenção forense com um *glamour* que está longe da realidade. Não são os técnicos forenses que vão para o terreno interrogar suspeitos, nem tão pouco alguns dos meios laboratoriais que utilizam estão disponíveis", aponta Tânia Pereira Dinis, psicóloga clínica.



MAURO PAULINO, 21 ANOS, LICENCIADO EM PSICOLOGIA

Licenciou-se recentemente em Psicologia na Universidade Autónoma de Lisboa e já se encontra a trabalhar na vertente da qual mais gosta – a Psicologia Criminal – num projecto sobre incêndios do Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais. Contudo, diz que a sua preferência em nada foi

influenciada pela série de televisão. "Já antes de ver o "CSI" queria trabalhar nesta área. Desde o secundário que os meus objectivos passavam por algo ligado à PJ. O Direito era uma forte hipótese, mas optei por Psicologia, visto que foi uma disciplina que me motivou desde o primeiro contacto no 12º ano", recorda.

Quanto ao trabalho que está a realizar, está mais relacionado com o estudo do comportamento criminal. "O objectivo do Gabinete de Psicologia e Selecção (GPS) é traçar o perfil criminal do incendiário". Para tal, procede-se "a pesquisa bibliográfica de revistas científicas; analisamos as peças processuais de detidos pelo crime de incêndio, procurando responder a *guidelines* que contemplam aspectos referentes ao crime e às esferas psicossociológicas do indivíduo", explica. Além disso, "sempre que é possível, chegamos a um contacto directo com o sujeito referenciado no processo, com vista a uma compreensão mais profunda do seu funcionamento psíquico", acrescenta.

No pouco tempo livre que lhe resta, uma vez que corre o país de Norte a Sul em trabalho, tenta acompanhar o "CSI". "Gosto bastante da série. Acho que está um produto bem conseguido e que cumpre aquilo a que se destina: entretenimento", afirma. Porém, consegue separar da realidade. "Principalmente da portuguesa, que contrasta com a americana, sobretudo na disponibilidade dos meios técnicos da polícia científica e institutos de Medicina Legal", conclui.

